

TESTEMUNHO DO ENCONTRO COM RAINER VIANNA¹

Soraya Jorge²

FAV, Faculdade de Dança Angel Vianna

RESUMO | ABSTRACT

Escrita testemunho do encontro com Rainer Vianna. Uma experiência de aprendizado onde a transmissão, além de ter acontecido através de habilidades para a percepção e consciência do movimento do corpo, se expande pela qualidade de presença do facilitador. Emerge um grande interesse em aprofundar sobre o que se produz, e até mesmo curar, quando um campo de ressonância, confiança, é assentado entre pessoas. O termo cura é aqui colocado como um espaço de cuidado e criação.

Palavras-chave: Testemunho, Rainer Vianna, Transmissão, Aprendizagem, Cuidado, Criação.

Witness writing of the meeting with Rainer Vianna. A learning experience where transmission happens through the perception of body movement awareness, as well as by the quality of the facilitator's presence. A great interest emerges in delving into what is produced, and even healing, when a field of resonance, trust is established between people. The term healing is used here as a space of care and creation.

Key-words: Witnessing, Rainer Vianna, Transmission, Learning, Care, Creation.

Experiência

Uma mudança de curso. Uma montanha, um vale, um caminho, uma abertura de sol, um pequeno fio de água correndo, uma bifurcação, um encontro de águas, um testemunho do tempo que muda a história. *Rainer Vianna*. Eu, pequena, abraçada por uma pessoa grande, envolvida pelo seu corpo e braços.

¹ Rainer Abras Vianna (Belo Horizonte, MG, 1958 – Rio de Janeiro, RJ, 1995). Bailarino, coreógrafo, professor de dança e ator. Filho de Angel e Klauss Vianna. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa482532/rainer-vianna>. Acesso em: 02 out. 2022.

² Artista, educadora, terapeuta, especialista em pesquisa do movimento e estudiosa das somáticas, da dança e de diferentes vertentes da psicologia, psicologia corporal e psicanálise. Introdutora do Movimento Autêntico (MA) e Disciplina do Movimento Autêntico (DMA) no Brasil e Lisboa. Certificada e parte do Colegiado Internacional da Disciplina do Movimento Autêntico seguindo a linhagem da criadora Janet Adler. Co-criadora do CIMA, Centro Internacional do MA no Brasil, e do seu Processo Formativo. Doutoranda em Dança pela FMH de Lisboa. Professora da Faculdade de Dança Angel Vianna (RJ-Brasil) por mais de 30 anos, onde também se formou. Em formação no método Experiência Somática (SE). Facilitadora do MA no curso Psicologia e Anatomia Sensível (BMM) e uma parceria no campo da Antropologia – Modo Operativo And e o MA.

Contornada, aprendendo a receber, a ser contorno, olhar nos olhos, sentir com.

Ser no olhar do outro que me vê, me ver em um ensaio testemunho como na preparação e apresentação de uma dança. Um testemunho contorno, um testemunho aventura, um testemunho desafio. Sinto-me lançada para um mergulho no contato com o espaço, um novo horizonte.

Desde então navego mares com sua presença em meu corpo, no campo que me envolve, a cada passo, na honra de colocar meus pés nesse chão impermanente, ao mesmo tempo conhecido e misterioso.

Um agradecimento imenso à família Vianna, principalmente à *Rainer Vianna*, meu primeiro mestre.

Suavozrouca, altiva, carinhosa, carregava nas entrelinhas questionamentos, saberes e respondia aos meus olhos ansiosos com doçura e firmeza.

Suas mãos grandes, dedos longos, tocavam partes do meu corpo para acordar e ceder à luta imensa que carregava. Uma guerra interna que nunca desapareceu e que encontrou um porto, uma abordagem, espaço propício para o sentir, contatar.

Para sentir é preciso que haja campo suficientemente seguro para o arriscar que pode se dar em um pouco a pouco rítmico. Sentir para se saber criação, dando forma às forças. Aprendizagem nas experiências. Forças que encontram fluxos circulares, espiralados, vibratórios de ser viva na vida, da vida.

Do sensório movimento, do movimento emoções, das emoções pensamentos, dos pensamentos ações, atitudes, passagem, pulsação do íntimo ao fora, subjetivações, mundos, cosmos.

Sem pretensão, já conhecendo muito mais do que conhecia, com mais silêncio e pausa me apreendo presente nos tempos. A memória corporal é sensória motora, emocional e energética de ser acompanhada.

Respeito, honra, humildade, reverência, comprometimento, rebeldia, desbravamentos, aventuras, autenticidade, espontaneidade, disciplina, anarquia, foco, horizonte, abertura, espaço, continente, abraço, contorno, afeto, afeto, afeto. O que testemunho em sua presença é meu também.

Com a Dança Livre, nome que dava ao seu trabalho, reconheci o quanto precisava ser vista e que os afetos não tinham caminhos precisos no corpo para desaguar. Exercitar a percepção no chão de madeira, com claras e possíveis direções, o sentir foi ganhando sentido nas expressões. Os gestos foram se compondo pelos ilíacos, encaixe do fêmur, escápulas, clavículas e as dobras articulares todo dia descobertas. O alinhamento dos ossos, o tônus dos músculos, contatos, pesos, alavancas, suspiros, voz do inominável, expiravam beleza,

corpo arte. Nuances, detalhes, o todo, soma. Cada aula, cada encontro, dores, prazeres, lágrimas, alegrias pessoais e coletivas eram compartilhadas.

Rainer Vianna, você é vivo em mim.



Figura 1. Fotografia de autor desconhecido, anos 80. A foto mostra o perfil direito do corpo e do rosto de *Rainer Vianna*. Ele é alto, está em pé, possui cabelo castanho, pele clara, com uma roupa inteira preta e um tecido amarrado na cintura de cor bege como um cinto. Seus olhos estão abertos e sua mão direita toca a área do diafragma e a esquerda as costas na mesma altura, de *Soraya Jorge*. Ela está de frente, é baixa, cabelos pretos, curtos na testa e longos atrás. Vestida com uma meia de dança fina, longa e uma blusa branca sem mangas com os escritos *Diretas Já*. Seus olhos estão fechados, boca meio aberta, e os braços ao longo do corpo. É uma sala de dança de paredes brancas e atrás de *Rainer* e *Soraya* têm duas pessoas em pé e duas barras de madeira, uma acima da outra com uma boa distância entre elas.

Testemunho

O testemunho não é somente um texto ou um relato, é também uma figura. Sua ação possui a espessura sensível da carne do mundo que ele evolui. A experiência do testemunho será, portanto, a de um encontro sensível (PIERRON, 2010, p.273).

Nessa escrita testemunho sou movida a falar da experiência, da potência dos encontros na transformação pessoal e coletiva não na perspectiva da modernidade de construção do conhecimento como acúmulo de informação. E sim de como o afeto ativa o saber, saber de sabedoria, e do modo de transmissão em espaços de aprendizado que facilitam a consciência corporificada, reflexões ações, frutos das experiências. Segundo Larrosa (2002, p.21), a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Como o que nos toca, transformadas em nossa própria di_gestão, faz emergir o conhecimento intuitivo de tempos não lineares e potentes presenças.

Segundo Ailton Krenak, um dos filósofos e ativistas indígenas do Brasil mais atuantes do momento, há um apaixonamento pela técnica e um esquecimento da própria sabedoria.

Para os povos Kaiowá e Guarani, alguns significados para o termo arandu são “ouvir o tempo”, “vivenciar”, “conhecer com a experiência de vida, na relação intrínseca com o ambiente”, “entendimento”, “conhecimento”. Em uma palavra, esses vastos conceitos talvez poderiam ser sintetizados como “sabedoria”³.

No Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de José Pedro Machado, a palavra *saber* vem do latim *sapere*, que, além de outros significados é “ter gosto; exalar um cheiro, um odor; perceber pelo sentido do gosto”⁴.

Talvez esse caminho do saber degustado pelos sentidos e do uso que faço do verbo *di_gestar* para a absorção celular do vivido, se aproxime do saber sabedoria dos povos originários.

Odor, Sabor, Saber. Notar, olhar, tatear, saborear, ouvir, cheirar é sentir a presença do outro em nós. “[...]Não somos mais nós mesmos no encontro com um outro: tornamo-nos nós mesmo no encontro com um outro” (Tsing, 2022, p.95-96).

E é isso, foi, continua sendo, o gosto de encontrar palavras sobre o caminho de aprendizado com a família Vianna. Os tempos se misturam, numa duração alargada de memórias que acesso. Com *Rainer*, Angel e Klauss vivi momentos distintos e simultâneos e foi com o *Rainer* que tudo começou. Muito descrito sobre a relação com ele, também foi experienciado com todes, e na continuidade até pouco tempo atrás, com Angel.

Utilizo-me do conceito de Testemunho do Movimento Autêntico (MA) e da Disciplina do MA (DMA), que há mais de 25 anos me dedico, para trazer a qualidade de campo relacional que estas abordagens promovem. Esse conceito/função já era de alguma forma experienciado na relação com *Rainer*, mas no tempo de dedicação e formação no MA ganho discernimento para descrever, apreender e fazer conexões sobre. “Assim a cada nova testemunha, por sua experiência, mantém vivo o acontecimento” (PIERRON, 2010, P. 178).

O MA foi criado nos anos 60 e nos anos 2000, renomeado para DMA, pela criadora Janet Adler⁵.

³ Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/florestas/arandu-temos-muito-o-que-aprender-com-a-sabedoria-indigena/>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁴ Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/etimologia-das-palavras-saber-e-sabor/15864>. Acesso em: 15 set. 2022.

⁵ Disponível em: <https://disciplineofauthenticmovement.com/discipline-of-authentic-movement/welcome-from-janet-adler-founder-of-circles-of-four/>. Acesso em: 26 set. 2022.

O contorno e princípio base dessa abordagem é a relação entre Movedores e Testemunhas. Dessa relação envolve a Testemunha Interna, ou Testemunho, como prefiro dizer, que é a consciência encarnada. Testemunhar é a habilidade de ver, sentir o outro, se diferenciando e, ao mesmo tempo, entrando em ressonância. É se distanciar para estar próximo, com a percepção dos julgamentos, interpretações que se faz de si e do outro. Outro humano e inumano. É o cultivo, fortalecimento, clareza no manejo dos estados egóicos aos estados de união com tudo que existe.

No MA essa habilidade é exercida, detalhada, estudada na ação do mover/pausar ao ser acompanhada por uma Testemunhada Externa. E no processo, passando a exercer a função da Testemunha Externa. O Testemunho de si se expande, enraizando a percepção espacial do quanto somos o outro. Um paradoxo. Um si que se refere ao íntimo que passeia ao longo do singular ao comum.

Oferecer um testemunho na escrita e/ou na fala é expor, se dar um tanto na relação com o outro. Ao nomear a própria percepção do visto, escutado, sentido, considerando os diferentes aspectos como a fisicalidade, sensações, emoções, pensamentos e interpretações, nessa abordagem, é o que se diferencia da observação. E se expande ao modo como se constrói a linguagem verbal, justa com a experiência e também sendo experiência.

Escrita Testemunho do como me sinto, até hoje, ter sido vista por ele e as reflexões que emergem a partir de sua presença afetiva no campo do aprendizado. “O ensinamento do testemunho tem um alcance bem mais vasto que a informação. Delinea [...] um estilo de relação com a verdade” (PIERRON, 2010, p.60). Verdade como experiência que nos acontece no momento, que nos transforma reverberando no entorno. Como no MA, no mover e ser movida, afetar e ser afetada, algo do vivido que não pode ser repetido.

Exemplos disso começam desde muito cedo com experiências no carnaval, numa cidade do interior, tanto nas ruas quanto no clube que a família frequentava. Estados extraordinários de ser movimento, tomada por ele sem perder a consciência. O de acompanhar as procissões e ouvir as senhoras mais velhas com velas nas mãos cantarem as rezas em um tom bem alto; conversar sobre espiritismo e reencarnação com meu pai kardecista e com as freiras sobre deus no colégio Santa Teresa D’Ávila; de me sentir expandida, pertencente a mim e ao cosmos nas aulas de *Rainer*; e no micro movimento tornar pedra e outras naturezas nas rodas do MA. Experiências que nomeio como diretas, sem ruídos, sem o “como se” da linguagem. Experiências que me atraíram a fazer a dança dos Vianna, (psico)terapias corporais, psicanálise, ter sido batizada na Umbanda e encontrar, nos últimos tempos, o Movimento Autêntico, caldeirão

para todas esses segmentos.

É com o *Rainer* que entendo somaticamente que viver tudo isso no corpo é a minha trilha de vida.

Nascida em Lorena, São Paulo, com passagens por Florianópolis, (Santa Catarina), cidade de minha mãe onde nasceram meus dois irmãos, vim para o Rio de Janeiro com 17 anos fazer faculdade.

Apaixonada pelas palavras escritas e faladas cursei Jornalismo. Só muito tempo depois percebi que a paixão era pela palavra gesto, sensória, do movimento. Nos livros algumas reverberavam, mas me faltava a percepção do/no movimento para discernir, legitimar, autorizar o sentido em meu corpo e partilhar a vitalidade fervida pelo processo.

Logo me envolvi em questões políticas na Faculdade Hélio Alonso atuando no Diretório Acadêmico Vladimir Herzog. Continuando a paixão pelas palavras vivas, fiz estágios em diferentes rádios e, ainda nos anos 80, escrevi no LUTA & PRAZER, um jornal de comportamento ligado a **Revista Rádice**, cujo o foco era a psicologia. Tive a oportunidade de entrevistar Gerry Marezky⁶, Fernando Gabeira⁷ e *Rainer Vianna*, em um tempo de retorno dos exilados da ditadura militar e de um importante movimento somático ecológico.

Com a impulsão de amigues e a alegria de conhecer Rainer nessa entrevista, iniciei aulas regulares com ele no Centro de Pesquisa Corporal Arte e Educação⁸.

Passava mais tempo na escola fazendo suas aulas de Dança Livre, as de Expressão Corporal e Dança Clássica com Angel e cursos com Klauss. Neste envolvimento, além do encantamento com as possibilidades apresentadas pelo movimento consciente e criativo do corpo, algo se acendeu e me fez questionar o caminho como jornalista.

Que trajetória seguir? Uma trilha desconhecida, com algumas pistas. Com a luz piscante dos pirilampos, conhecidos também como vagalumes, aprendi a receber a intermitência de ver e ser vista o e *no/pelo* escuro, tocar e ser tocada

⁶ Gerry Marezki (1930-2013) – bailarina, coreógrafa e professora. Possui formação em Anti-Ginástica com Thèrese Bertherat, em Paris, em 1979. Cria a Corpo-Análise em 1980. Disponível em: <https://gerrymarezki.wordpress.com/gerry-marezki/>. Acesso em: 02 out. 2022.

⁷ Fernando Gabeira, escritor, jornalista e ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro (1998-2010), nascido em 1941, é mineiro de Juiz de Fora e carioca por opção desde 1963. Disponível em: <https://gabeira.com.br/biografia/>. Acesso em: 02 out. 2022.

⁸ Angel vianna, Klauss Vianna e Tereza d'Aquino fundaram, em março de 1975, o Centro de Pesquisa Corporal Arte e Educação (1975-1983), situado na Rua Góes Monteiro, em Botafogo, no Rio de Janeiro. O “Corredor Cultural”, como ficou conhecido, era uma casa antiga cortada por um corredor que dava acesso às salas de aula. Tratava-se de uma escola de dança, especializada em Expressão Corporal, mas o espaço atraía profissionais de diversas áreas – bailarinos, arquitetos, psicólogos, fisioterapeutas, músicos, poetas, atores, donas-de-casa, entre outros – promovendo uma troca constante e interdisciplinar.

o/pelo invisível, cheirar as presenças, sentindo a escuridão e a luminosidade no/do espaço.

Chamo de farejamento esse modo de pesquisar, interagir na/com a vida e que ganha e perde tónus a cada encontro, a cada instante da caminhada.

Muitos elementos se somam para aguçar esse farejamento. As inquietudes sensoriais, emocionais, espirituais e muito da fisicalidade que envolve todas essas camadas. Como trabalhar com a dança, movimento, tendo nascida com uma síndrome circulatória com o estranho nome de Klippel-Trenaunay.⁹

Esse caldeirão de inquietudes, curiosidade, estranhezas, alegrias e dores que me levaram até a dança. À essa dança dançada nessa Escola. Obra criativa das ações de farejamento para a paragem, cuidado, expressão dos gestos precisos.

Dança

“Precisamos dos olhos dos outros para nos formarmos e continuarmos a existir” (STERN, 2007, p. 129).

O *Rainer* me viu e eu me senti vista por ele.

Suas aulas me proporcionaram um intenso conhecimento/consciência do movimento, concentração, foco, relaxamento e grande expansão nos espaços internos e externos. Dançar livre, improvisar seguindo proposições abertas à singularidade me ajudaram a construir contorno, corpo. Abrir os braços e correr nas diagonais soltando o ar, sentindo os pés, as pernas, a bacia, o peito produziram as relações mais sérias e brincantes que eu poderia ter com a vida, não como opostos e sim como comunhão.

Além de todo afeto na transmissão de conhecimento, fui convidada a dar aulas de Dança Livre para iniciantes e para ser assistente em alguns congressos, simpósios, congressos de corpo e (psico)terapias. Ser professora de movimento enfatizou o sabor de gostar de gente, fala de Angel Vianna que também é minha. Reforçou o interesse em estudar melhor essa profissão/função tanto pelo que vivi com *Rainer* quanto pelo contínuo interesse de encontrar práticas somáticas

⁹ A síndrome de Klippel-Trenaunay é descrita como tríade que consiste de hemangiomas capilares cutâneos, hipertrofia óssea e de tecidos moles e dilatações venosas. A etiologia é incerta. Sugere-se, porém, ser resultado de anormalidade mesodérmica que ocorre durante o desenvolvimento fetal levando à manutenção de comunicações artério-venosas microscópicas nos tecidos. As manifestações clínicas dependem do segmento corporal afetado, geralmente um dos membros corporais, unilateralmente. As mais comuns são: hemangiomas cutâneos, dilatações venosas, aumento do membro afetado e das extremidades (macrocefalia e acromegalia). Hemorragia digestiva baixa pode ser sintoma raro nos pacientes com varicosidades peri-retais e colônicas. Disponível em: https://sbcp.org.br/revista/nbr222/P109_112.htm . Acesso em: 26 fev. 2022.

que favoreçam o ver o outro, as relações, a comunicação verbal e não verbal. Um comprometimento ético/estético.

Enquanto fazia o curso Técnico de Bailarino Contemporâneo, referendada por Angel, comecei a dar aulas de Expressão Corporal no próprio curso, que depois é renomeada de Consciência do Movimento - Jogos Corporais e hoje Metodologia Angel Vianna (MAV) em um formato de Pós-graduação. Como aluna e professora desta escola há mais de 30 anos, hoje ministro o Movimento Autêntico na *Pós de Terapia Através do Movimento_Corpo e Subjetivação*, desde o seu início em 2007. Pós que também me formei.

Pesquisadora do movimento sensível, das somáticas, introdutora da Disciplina do Movimento Autêntico no Brasil e Lisboa, até hoje os princípios do pensamento prático da família Vianna, experienciados por mais de 20 anos, incorporados, corporificados, emergem nos cursos que facilito e na vida. A conexão entre estudo e criação, os campos da arte/saúde/educação/ecologia são tecidos no chão de madeira e no olhar para as singularidades de cada praticante, participante.

A escola *Espaço Novo*, inaugurada em 1983, hoje é a sede com o nome *de Escola e Faculdade de Dança Angel Vianna (EFAV)*, no bairro de Botafogo, RJ. Tenho lindas memórias das escolas mencionadas no texto e do espaço na Rua Maria Eugênia, Humaitá, RJ, onde Rainer deu aulas por um tempo.

No *Espaço Novo*, mesmo horário, início das noites, dávamos nossas aulas em salas diferentes: Angel na sala D, Rainer na sala B e eu na sala A. Para quem conhece, não havia a sala E. Tínhamos muitos alunos, uma média de vinte em cada sala. Os sons se misturavam, o burburinho e entusiasmo eram mesmo contagiantes, dos chãos de madeira à secretaria, ao bar de Dona Margarida que ficava ao lado do portão principal da Escola, espaço que um dia foi a biblioteca. Fazíamos bastante barulho e muitas vezes ela se mostrava incomodada porque não íamos embora. Era nosso lugar especial de encontro após deliciosas aulas de dança, mergulho nas percepções. Espaço de muito afeto, memória do muito que sou hoje.

Estudei, formei e me tornei professora. E *Rainer* sempre será o portal dessa caminhada.

Quando fui morar na Califórnia (CA), Estados Unidos, no início dos anos 90, aprendi a palavra Somáticas para falar sobre o trabalho que já fazíamos com a família Vianna. Nome batizado por Thomas Hanna, em 1977, se referindo aos estudos e práticas do Soma, corpo percebido pela pessoa que o experiencia, compreendendo a multiplicidade de camadas que nos compõem.

E é na CA onde conheço o MA. Caminhada intuitiva de atrair o que me atrai, sem nem saber bem o que.

Chamamos de instinto, em seu aspecto de intuição vivida, a simpatia que nos transporta, num gesto que efetua uma transformação *-in-loco*, ao coração de um acontecimento único, que é apenas o começo, com o qual a nossa vida irá agora coincidir, mas cujo desfecho ainda não é conhecido e , conseqüentemente, expresso – atado, como o movimento adiante, à tendência supernormal (MASSUMI, 2021, p.66).

Foi através do trabalho corporal que o entendimento sentido sobre cuidar das próprias feridas, se enraízam tecendo as camadas físicas, emocionais, energéticas e reflexivas. Pensamos com o Soma, ou seja, com o corpo todo, camadas entrelaçadas intimamente que se exprimem na pele e nos muitos modos de estar na vida. O cuidado de si, em minha compreensão, possui uma relação intrínseca com a criação, aprendizado e espiritualidade. Não deixa de ser um prisma do cristal.

Até hoje não sei como descrever com precisão o que é a espiritualidade, mas desde pequena uma sensação do que não tem nome, conecta, arpeja e, paradoxalmente, traz sensações de pequenez e imensidão. Pertencimento, estado de unicidade com o cosmos.

Uma vida espiritual autêntica é marcada pela atenção sutil e cuidadosa no momento presente, a nossa condição atual, às nossas ações, atitudes, sentimentos, pensamentos e propósitos. Não há nada além para ser buscado, mas muito podemos fazer apenas com nossa vida atenta e cuidadosa (JUNIOR, 2010, p.103).

Reconhecer a nossa limitação e nossa dor, não ignorá-las, não evitá-las e cuidar delas como parte fundamental de nosso ser, é uma dimensão fundamental da prática espiritual. Precisamos acolher tudo que surgir em nossa vida interior, sem expectativa ou valoração. Cada fenômeno de nossa interioridade é precioso do modo como é. Nosso Self ou nossa natureza ampla pede apenas que sentamos e observemos com liberdade e sem julgamento aquilo que surge” (JUNIOR, 2010, p.92).

Rainer Vianna era muito atuante em pensar o corpo político, nas artes, terapêuticas e educação. Reunia em torno de si um grande número de pessoas. Com ele dançamos e limpamos praças, protestamos contra as Usinas Nucleares em Angra dos Reis, abraçamos a Lagoa Rodrigo de Freitas em um propósito de valoração e conservação. Sinto-me emocionada ao escrever essas palavras nesse momento político do Brasil e estar na foto com uma camiseta das Diretas Já.

Em sua imensa presença, me sentia grande e o mundo cheio de possibilidades.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LAROSSA, 2002, p.23).

Conclusão

O amor, a consciência sentida, pessoal e coletiva tornam o processo de aprendizagem um fazer único de afeto que transformam e abrem caminhos. A transmissão testemunho, aprendizado imanente da presença de *Rainer Vianna* tornaram os acontecimentos em experiências corporificadas. Oferendas que vivo até hoje.

Termino com um pequeno escrito dos anos 80, enquanto aluna e já professora da *Escola Espaço Novo*. O desejo de partilhá-lo reafirma como a experiência sentida, como um rio, atravessa os tempos, ganha novas formas e continua correndo.

Corpo Contorno

Desenhar o contorno para atravessá-lo.

O seu traçado são linhas retas e arredondadas, curvas espiraladas que se encontram em algum ponto do corpo.

Em vários pontos os encontros são corpos.

Como num abraço que contém e emana, a pele faz caber dentro e se apropria do tamanho que também é de fora.

Estou falando de gente. Da gente que se debruça em si e encontra o outro.

O processo de desenhar o contorno corporal fecha um ciclo de articulações e ossos, de gestos e estórias.
De movimento no tempo.
De memória presente.
De epiderme. De sensações percorrendo direções, de saltos viscerais em profundidade.
De vertigem.

Estamos na passagem de um ano.
Território de impulsos,
e de outros tantos contornos que coexistem em superfícies entre nós.

Soraya Jorge

(Trabalho realizado com o segundo ano manhã do "Curso Técnico para Bailarino Contemporâneo" - Escola e Faculdade Angel Vianna).

REFERÊNCIAS

RÖHR, Ferdinand (Org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: UFPE, 2010.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso> Acesso em: 02 out. 2022.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: N-1 edições, 2021.

PIERRON, Jean- Philippe. **Transmissão**: uma filosofia do testemunho. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

STERN, Daniel. **O momento presente na psicoterapia e na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 edições, 2022.